

O planalto e a estepe, de Pepetela

KELLY CRISTINA OLIVEIRA DE ARAÚJO
Universidade de Paris III

*Planalto e a Estepe*¹ conta uma história de amor. Um amor vivido em sua plenitude no tempo curto, mas que permeia 35 anos da vida do protagonista. É no intervalo da vivência desse amor que a história acontece.

No subtítulo do livro lê-se “Angola, dos anos 60 aos nossos dias”, uma informação sobre o período em que se desenvolverá a narrativa; e depois “A história real de um amor impossível”, que apresenta em si uma relação de equilíbrios contrapostos, onde realidade e impossibilidade representam incompatibilidades que se harmonizam.

O livro é regido primordialmente pelas geografias dos espaços ocupados pelo narrador ao longo do tempo. Como sugere Paul Ricoeur, a narrativa do gênero romance cria uma relação entre a temporalidade vivida na ficção e o tempo que vive o mundo. Pepetela não faz menção a datas, não precisa anos, ou seja, não faz uso do calendário para contar a história, e o leitor é situado no tempo através dos acontecimentos históricos.

A importância das paisagens revela-se no título do livro. Os deslocamentos, e os lugares descritos e apropriados, assim como em outras obras de Pepetela, ritmam a narrativa. Paisagens propícias, disse Ruy Duarte de Carvalho: “As paisagens que dariam acesso a tudo o que cada um poderá descobrir dentro de si mesmo, assim, seriam aquelas que o sujeito conhece por ter de alguma maneira experimentado nelas – ou por intermédio do acesso que lhes teve – sentimentos seus ou alheios, de uma grande intensidade”.

Assim, ao contrário, por exemplo, da Huíla ou de Moscou, a descrição de Argel pareceu burocrática, denotando pouco envolvimento com o lugar. Ou a ida

1. São Paulo: Ed. Leya, 2009.

a Ulan Bator, cidade vista de relance, que permaneceu na alteridade como uma paisagem não vivida. E ainda Cuba, que nos aparece como um lugar inquieto, na imagem das ondas explodindo nas pedras e no vento que sopra do Norte.

O lugar escolhido para abrigar o nascimento do protagonista é o território Sul de Angola, mais especificamente o Lubango, um território pouco explorado até então pelo autor. O primeiro capítulo, “Os Rochedos da Tundavala”, conta a infância do narrador na Huila, e transmite a inocência da Idade de Ouro, um tempo em que a importância estava na estima dos pastores pelos seus bois ou no agridoce do fruto do mirangolo.

É quando dá-se a conhecer que o narrador é branco, filho de um migrante português de vinda recente, e uma mãe com ascendentes na Madeira, de uma migração mais antiga. Eram brancos pobres, viviam numa espécie de zona de transição entre os brancos colonos ricos e os negros submetidos, e essa aparece como a primeira dualidade do livro, permeado delas, aqui entendidas como existência separada e normalmente antagônica de duas entidades contíguas.

Confrontado com o racismo, o narrador-protagonista é jogado para fora da Idade do Ouro, e vai elaborar a primeira reflexão sobre este tema que serpenteará todo o livro: “O racismo havia de me perseguir a vida inteira, como vos explicarei!”.

As questões raciais, assim como as étnicas, estão na base da discussão sobre a construção de uma identidade nacional angolana promovida pelo MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), o movimento com menor cariz étnico-regional na raiz de sua formação. Uma vez que a temática da construção da nacionalidade é uma constante na obra de Pepetela, o problema do racismo será uma constante.

Tendo já declarado, em entrevista a Michel Laban, o impacto que sofreu na infância ao perceber que a cor da pele separava as pessoas, Pepetela empresta esta passagem de sua vida ao personagem narrador do livro. Nascido no verde do planalto, onde a partir da Tundavala podia ver o ocre do deserto e crescido na duplicidade que se dá entre a fixidez das pedras e a mobilidade dos bois, o narrador forma seu caráter como um branco africano, subversivo aos olhos do sistema colonial que pregava o panracialismo, mas que se apoiava na tríade salazarista “Um Estado, uma Raça, uma Civilização”.

Perseguido desde muito cedo pela polícia política de Salazar, ele ignora a origem das desconfianças a seu respeito. Mas, é a própria perseguição que o

leva a procurar um padre na tentativa de compreender o que de fato se passava, ou o que chamou de “conceito de desigualdade natural entre os homens”. Após uma sequência de questionamentos e reflexões, formula que assinalam um aprendizado e, conseqüentemente, uma ruptura com o tempo anterior – “As saudades não vencem o medo”; “O homem só gosta da diferença, sobretudo a que o favorece”; “A cabeça cresce com as verdades que nela entram”. Marcam a construção da personalidade e do caráter do personagem, e o conduzem pelo caminho que o levará ao nacionalismo angolano.

Ao enunciar “Quando se faz o indesejado, só resta sonhar”, dá-se início ao percurso do protagonista em sua “grande viagem”. Chegando a Lisboa para cursar a universidade, integra-se aos grupos contestatários do colonialismo que já existiam na Casa dos Estudantes do Império. Coincide, portanto, com o início da luta armada em Angola, em 1961.

E com “Quando se faz o indesejado, só resta sonhar”, se inicia o percurso de sua “grande viagem”. Chegando a Lisboa para cursar a universidade, integra-se aos grupos contestatários do colonialismo que já existiam na Casa dos Estudantes do Império. Coincide, portanto, com o início da luta armada em Angola, em 1961. No princípio de sua busca pela nacionalidade, conhecemos seu nome: Júlio Pereira, “um branco quase louro era angolano e queria lutar pela independência” (p.33).

“Os continentes são convenções, apenas existem terras separadas por mares” (p.30). Assim, o protagonista abandona Lisboa rumo à construção da nação angolana. No Marrocos, a primeira paragem, descobre que “os mais claros ainda não eram suficientemente angolanos para arriscarem a vida na luta pela Nação, pelo menos havia dúvida quanto a sua nacionalidade. E utilidade”. Ele então vai para Moscou com uma bolsa de estudos; ali encontra outros africanos e forma grupo com um senegalês, um tanzaniano e um congolês. A comunicação inicial se dá por mímicas, uma vez que cada um fala uma língua (a do colonizador) diferente, e depois passam a usar o russo como língua de comunicação. O grupo pode ser visto como uma caricatura da diversidade que existe no continente africano, e que é forçosamente, pelos desígnios impostos pela história, mediado por um elemento externo à África. Ainda assim, entre os quatro africanos havia dois que eram muçulmanos, e a religião aparece como a segunda dicotomia abordada por Pepetela, um fator para clivagem. Firmou-se a aliança mais forte entre

Júlio, o angolano, e Jean Michel, o congolês, próximos também geograficamente em suas origens.

“A verdade é dura, sempre”. É Jean Michel que lhe adverte para não discutir com as ideologias soviéticas, chama atenção para os problemas internos à URSS, conta sobre a manipulação dos partidos comunistas. Começa a desconstrução das crenças político-ideológicas de Júlio. O ano era 1964, Brejnev subia ao poder.

“No entanto, na cabaça da manteiga não se faz *hidromel*

Nem as vacas nem as abelhas deixariam”

É através desta reflexão simbólica e poética que o autor nos apresenta as incompatibilidades dos sabores da manteiga e do hidromel. É o início do amor de Júlio e Serengerel, filha do Ministro da Defesa da Mongólia, membro do bureau político do Partido comunista local. E o namoro entre os dois é mantido em segredo.

“Ele pressentia o perigo de trocar as cabaças

Felizmente, não avistava abelhas nem vacas.

Ali.

Afinal estavam bem perto”

A imobilidade soviética quando chamada a tomar decisões que a colocassem numa possível situação de conflito é abordada no caso particular de Júlio. Tendo engravidado Serengerel, e diante da recusa absoluta da família dela em aceitar um não mongol como seu esposo, Júlio busca todas as instâncias políticas acessíveis, e se descobre desamparado. Pior do que isso, seu caso de amor – malfadado por causa de mais um racismo que se lhe atravessa o caminho – foi parar no meio do conflito sino-soviético. A situação geográfica da Mongólia, que se havia aliado à União Soviética, tornava o país um importante aliado estratégico. “(...) tudo era político, mesmo o amor entre dois jovens. Tudo era político” (p. 155).

O clamor à solidariedade afro-asiática foi outra decepção. As respostas burocráticas repetiam-se “num claro desrespeito pelo espírito de Bandung, Indonésia,

onde se criara nos anos cinquenta a tal organização unindo os dois continentes numa conferência que ficaria famosa” (p.78), como diria Salim, o tanzaniano do grupo dos quatro. Vencem as dicotomias, que continuam sem serem quebradas.

“Nas fábulas da vida, algumas misturas são intoleradas”

Terminado o curso superior em Economia em Moscou, Júlio parte para o treino de guerrilha no Sul da Rússia, e de lá para Argélia. O racismo outra vez – o mesmo que o enviou para URSS – o prendeu em Argel, atuando como economista para o Estado argelino em nome do MPLA.

Chegou o dia em que Júlio foi mandado ao front da guerrilha. E foi justo para Cabinda, respirar o Mayombe que já foi o espaço do desenrolar de outro romance de Pepetela. É na floresta cerrada que o narrador vive a experiência da alteridade entre aqueles que lutam para ter o mesmo país, para fazer parte da mesma nação. E pela construção da identidade nacional, Júlio cede às crenças dos soldados de seu batalhão e se diz imortal frente à bala dos inimigos, graças ao feitiço de um kimbanda congolês. Ele é um galho que verga com os ventos, na busca da conciliação, e serve como ponte entre vários mundos, aproximando-os. Escolhe “Alicate” como nome de guerra – uma homenagem aos africanos do sul de Angola que eram “batizados” com nomes de objetos diante da dificuldade da pronúncia de seus nomes verdadeiros –, mas que também pode ser interpretado como o instrumento que retorce, verga, entorta.

Vêm a independência, em 1975, a construção do Estado nacional, e o processo de sua consolidação ocorre concomitante à guerra civil. Júlio é militar, sobe a general. Nunca esquece Serengerel e a filha. No entanto, nem mesmo o contato direto com os assessores soviéticos – que eram mandados a Angola para assistirem os dirigentes em suas decisões, principalmente militares –, propiciou informações de sua família mongol, como as chamava.

Os anos passam no pós-independência sem que o narrador dê muitos detalhes sobre os acontecimentos históricos. A abordagem do período enfatiza a desilusão em relação ao marxismo-leninismo, ao socialismo soviético, e a consequente hipocrisia que se estabelece nas relações entre os dois países, chegando a proclamar que os angolanos “sempre fomos considerados falsos revolucionários e muitas vezes a realidade dava razão aos críticos”, “socialistas só de boca”.

Numa conversa com seu assessor soviético, há uma longa interpretação so-

bre a política da Perestroika, de Gorbatchev, sobre o seu falhanço que arrastava a URSS para o colapso final; e ainda sobre a abertura econômica gradual de Angola, estabelecendo contatos com países com quem até então não mantinha relações, como os EUA. Inferimos estar próximo a 1990, e o narrador conta-nos de suas aventuras, enquanto chefe da logística militar do Exército angolano, pelo mundo da venda de armas, das comissões, da corrupção, dentro e fora de Angola. A crise do Estado angolano, que se exacerba após a adoção da economia neoliberal, já havia sido tratada por Pepetela no livro *A geração da utopia*, no qual evidenciara a sua descrença no modelo político-econômico adotado e as poucas perspectivas de transformação da realidade social minada pela corrupção.

Em *O planalto e a estepe*, Pepetela atualiza os problemas internos abordados no livro de 1992, focalizando a ligação da corrupção por tantos setores, agora que já não há mais guerra, como as telecomunicações. E aponta a falta de união entre os países africanos, cujas elites estiveram, e permanecem, de costas para o continente.

Cuba entra na história trazendo Serengerel, 35 anos depois, de volta para Júlio, e levando-a até Angola para viverem ali o amor.

Disse Júlio que “Desde o nascimento percebi ser um joguete nas lutas entre forças desconhecidas”, mas, é verdade que quase todo o mundo descolonizado no pós-II Guerra Mundial o foi, e ele viveu como parte desse contexto maior, uma porção da história, o paradigma de uma geração.

O tempo dos acontecimentos históricos não é o mesmo tempo vivido do amor. Estes foram anos de grande aceleração histórica em Angola e no mundo, que viveu o temor da Guerra Fria, das bipolaridades, dos conflitos locais. Júlio foi tragado por esse tempo, consumido por ele, nele.

Impiedoso foi o tempo das guerras e das ideologias para com o amor. Proporcionou a improbabilidade da paixão entre um angolano, do planalto, e uma mongol, das estepes, no leste europeu, para, em seguida, decretar a impossibilidade da vivência do amor entre eles. O amor correu por fora, em paralelo, com sobressaltos, intervalos, separações, subestimado pela experiência histórica totalizante. Mas, como para se redimir, o tempo foi complacente com Júlio e Sarangerel, e os permitiu viverem juntos na geografia da paisagem de Angola, partilhando as transumâncias a que foram forçados até o reencontro, e o fim.

Recebido em 09 de Abril e aprovado em 08 de maio de 2010.